2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE,

JORNAL LITTERARIO, FUNDADO EM 1841,

PELO

Sr. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADORES — MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

8.º ANNO. QUINTA FEIRA, 9 DE NOVEMBRO DE 1848. N.º 1.

PROLOGO.

A Revista Universal Lisbonense, ao cabo de sete annos de continuada duração, devia começar por necessidade absoluta uma nova Serie.

Este facto não a desliga do passado, nem a leva para um futuro aventuroso.

A historia d'este jornal será, até ao fim, um padrão de gloria para o seu fundador.

Ainda quando nas suas paginas não reflectisse nem um só raio d'essa luz creadora, que o genio e o estudo do Sr. Castilho lançaram em roda de si, n'essas altas regiões onde Deus o pousou, ainda quando esta arca santa do seu amor á patria e ao estudo fosse profanada, o passado protestaria contra essa profanação, e o pensamento grandioso, que deu origem á Revista, reviviria no impulso que lhe devem as letras, e nos jornaes que a estas columnas teem vindo buscar o molde dos seus planos.

É assim o genio; não morre.

O mundo póde roubar-lhe todos os affectos; calumniar-lhe todas as intenções, mas a foice da morte não alcança a sua eternidade.

Houve, entre outras, duas rasões de vulto para se começar esta nova Serie.

O crescido numero de volumes, ainda que em cada um se contêem materias separadas, começava a embaraçar o andamento do jornal, porque um preconceito, que só o tempo ha de acabar, obrigava muitas pessoas a deixar de assignar para a Revista, porque não tinham os volumes anteriores; e porque a sua acquisição era já dispendiosa em proporção, não á somma da materia ahi contida, pois cada volume está rigorosamente calculado que equival a oito volumes em oitavo impressos em pandecta, com mais de trezentas paginas; mas em proporção aos haveres de cada assignante, e aos transtornos da era em que vivemos.

Este obstaculo fica removido, porque o presente volume é o primeiro da nova Serie, a qual forçosamente se ha de compôr de menos volumes do que a anterior. E quanto á venda dos sete volumes da primeira serie, por mim comprados á Empreza finda, juntamente com a propriedade do jornal, será annunciada por modo tal, que para todos quantos o desejarem se torne facil a sua acquisição. Mas esse annuncio está dependente do trabalho improbo da confecção de um indice geral e analytico, que estou organisando, e o qual é nada menos do que uma classificação systematica de seis mil oitocentos e cinco artigos, que tantos são os contidos nos sete volumes publicados, e os quaes se referem a quasi todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Sirva esta consideração de desculpa á demora que possa haver na publicação d'esse annuncio.

Á necessidade de principiar nova Serie se ligava a de mudar completamente os typos em que o jornal era impresso, e a da introducção dos melhoramentos typographicos, exigidos pelos aperfeiçoamentos da imprensa.

Tudo isto pedia augmento de despeza, e a empreza antiga, no fim de sacrificios continuados por alguns annos, receava, e com rasão, o resultado de novos esforços.

Pela minha parte, no Prologo do ultimo volume deixei bem consignados os motivos que me levaram a acceitar o mui honroso, mas pesado encargo, de redigir este jornal; esses motivos existem hoje com mais força, porque as esperanças brilhantes, que nutri ácerca do futuro do jornal, não mentiram em tudo quanto me foi estranho.

A Revista tinha sido um estandarte de civilisação verdadeira, despregado n'esta terra ao clamor de saudações geraes.

Ao pé d'esse symbolo abençoado, em que se não divisava a côr de um só partido, o cantor festejado das margens do Mondego, o confidente dos classicos da lingua, o poeta da nossa historia, e o historiador dos altos feitos e das boas crenças de nossos paes, abriu um livro em branco; e largando a corôa de poeta e a penna de historiador, proclamou-se jornalista.

Os que zombaram de tal profissão emmudeceram, vendo que no monumento erguido á propria memoria, pelo trabalho intellectual de um dos nossos primeiros escriptores modernos, se divisava o modesto jornal entre as floridas e graciosas paginas de poesia, e as graves e donosas paginas da historia. Aos que a tomaram como commettimento que só podia ser tentado por animo bem experimentado nas lides do entendimento, deu-lhes coragem o Sr. Castilho, escondendo cautelloso os espinhos da flôr que desabrocha na corôa de gloria, com que se premeiam o saber e o estudo; e tambem lhes descreveu os encantos, que era só ao sentir o primeiro desar da vida litteraria que os inexperientes moços, auxiliados pela sua voz, se viam, sem o esperar, iniciados nos mysterios do sacerdocio que tanto haviam receado.

Foi por estas causas que, nas paginas d'esse livro, destinadas para registarem o que a sciencia tinha ensinado aos homens, o que fosse util para Portugal ou que lhe désse honra, se vieram inscrever, ao lado dos nomes dos Herculanos, dos Garrets, dos Bastos, e de tantos outros, os de quantos poetas e escriptores conta a geração que se vae assenhoreando do paiz.

Será raro apontar um que não tenha a sua estrêa nas paginas da Revista.

A collaboração, ampla na concorrencia, mas escolhida só em relação ao merito e ao proveito, sem nenhuma consideração pessoal, foi uma tradicção que o Sr. Castilho gravou bem no intimo do systema d'este jornal. Foi como um pae extremoso e sem exemplo para com esta sua filha querida. No segredo de tal collaboração, que só um grande homem podia crear, estava o patrimonio de virtudes e de riquezas, que a faria respeitada em quanto durasse.

Foi por isto que eu disse no Prologo, em que já fallei, o que hoje aqui repito.

N'este Jornal a collaboração é tudo.

A collaboração é a sua gloria, o seu futuro; é o segredo da sua vida.

Como bom pae, o Sr. Castilho não sugeitou a clausula alguma esse patrimonio, mas o publico justiceiro, em taes pontos, poz em tão preciosa dadiva a clausula da gratidão. Se a filha um dia renegasse do pae, ninguem mais a saudaria respeitoso. Eis-aqui a rasão por que o nome do Sr. Castilho me sahiu da penna, assim que principiei a redigir este jornal, e eis-aqui porque hoje, que além de redactor sou seu proprietario, esse nome respeitavel se junta ao titulo do jornal, e d'elle faz parte, e ahi ficará em quanto a Revista me pertencer por qualquer modo que seja.

Se entre tanto affecto que o Sr. Castilho semeou no continente, de parte colheu frio esquecimento ou negra ingratidão; sempre que este jornal chegue á ilha onde vive, a esposa querida lhe poderá ler o nome unido ao titulo, e os filhos bem fadados com o dom do talento e da formusura, esqueçam, ao vêr essa união, a sorte ingrata de Camões, que seu pae mil vezes lhe terá contado, e na qual mil vezes terão visto o triste agoiro para o resto da vida, que elles conhecem como Deus.

Se um dia, lendo este papel, esses innocentes abraçarem o pae, ao vêl-o orvalhar com

uma lagrima a lembrança de que não é esquecido, esse breve instante resumiria em si o premio da minha maior ambição, e a paga mais do que liberal de todos os meus trabalhos.

Assim como a recordação d'esse nome promoveu a volta de tantos dos antigos collaboradores, o que fez chegar a perto de cem o numero das pessoas que me coadjuvaram no volume findo, é de esperar que a sua perpetua união ás columnas da REVISTA augmentem ainda a illustre associação de collaboradores, que por meio dos seus artigos fundaram, sem estatutos nem discussões, um instituto, do qual semanalmente se espalha pelo paiz um ramo caudal de proveitoso ensino.

Talvez que não devesse continuar este Prologo sem fallar de mim: mas é este um grande embaraço de que sahirei pelo silencio. — A minha pessoa não a enxergo no meio das idéas elevadas que pairam em volta do pensamento d'este jornal; e confesso que nem valho a modestia que n'esta parte poderia empregar. A minha ambição é o trabalho; contento-me com ella: sei que não posso, que não devo ter outra.

Adquiri a propriedade da REVISTA para que a sua estabilidade não fosse duvidosa; pois que só motivos de maxima gravidade poderão mudar este firme proposito.

A posse que o direito me concede, não a tomo eu á face do paiz em relação ao fundador do jornal. Acima do direito escripto está outro que Deus concedeu ás almas, que se não pervertem pela corrupção do mundo, e que se reflecte de umas para outras.

A REVISTA é filha da alma e do pensamento do Sr. Castilho. Todos os contractos feitos a seu respeito são de inteira força para todos quantos n'elles figuram; mas em relação ao fundador, só o tribunal da consciencia póde decidir do pleito. E é esse que me ordena que não póde pertencer-me o que foi, e talvez ainda deva ser, o recurso unico de um portuguez pobre e grande escriptor.

Por este lado, o meu obscuro nome andará estampado provisoriamente nas columnas da REVISTA. Todo o meu empenho será torna-la digna de que o Sr. Castilho, se por desfortuna sua, carecer d'este fructo do seu talento, não tenha de córar ao chamar novamente sua á filha de que ha tanto se vê separado.

O plano d'este jornal continúa a ser o mesmo: o tempo o vae melhorando e augmentando em varias partes; mas os seus fundamentos não se alteram.

As suas columnas são dedicadas á unversalidade de todos os conhecimentos e de todas as noticias.

Uma só coisa d'ellas se exclue, e é a politica: nem sombra d'ella se divisará nunca em qualquer dos seus numerosos artigos.

Todos os escriptores serão bem vindos, e a unica pedra de toque para quanto se publique, é o respeito á moral e ás conveniencias sociaes.

Lisboa 8 de novembro de 1848.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Alvitres a favor da agricultura.

É nosso dever responder com os mais sinceros agradecimentos á carta com que o Sr. Blanchet nos honrou; e que acompanhava um artigo que, teremos a satisfação de publicar.

O Sr. Blanchet, sendo um estrangeiro, merece grande louvor pelas provas incontestaveis que apresenta do quanto se interessa na prosperidade de Portugal. A sua proveitosa collaboração será sempre por nós muito estimada. Concordâmos em tudo quanto nos diz ácerca da necessidade de propagar o conhecimento dos novos instrumentos agrarios, e dos aperfeiçoamentos dos antigos. Quando for mister estamos resolvidos a juntar a estampa á descripção, e temos a esperança de que sobre esta materia deveremos alguns artigos á penna do Sr. Blanchet.

Quanto ás associações agricolas, a nossa opinião não deixará de se manifestar, porque o dever nos impõe essa obrigação.

*

1 Sr. Redactor. — Ainda que um pouco tarde, envio-lhe os meus agradecimentos pela honra que me fez em me contar no numero dos seus collaboradores da Revista Universal Lisbonense, de que V. é ao presente proprietario.

A benevolencia de V. me impõe um dever mais lisongeiro do que facil de preencher. Será, para o desempenhar, obrigação minha, que me atreverei a communicar-lhe alguns artigos sobre machinas modernas, applicadas á agricultura, e cujo merito seja attestado pela melhor experiencia.

Os instrumentos agrarios, cujos aperfeiçoamentos teem produzido felizes resultados, são construidos ao presente segundo os principios da mechanica; e bem empregados seriam todos os esforços, que se fizessem, para que os instrumentos de lavoira fossem fabricados o melhor possivel, taes como as charruas de relhas de ferro, de Dombasle, um dos mais sabios agrónomos francezes; — os desterroadores para dividir as terras; — os extirpadores para arrancar as más hervas; — os sementeiros mechanicos, etc.

A este respeito, Sr. Redactor, permitta-me que eu lhe suscite uma idéa, que desinvolvida por V. deve concorrer para a prosperidade d'este paiz.

A agricultura, para progredir e augmentar a riqueza publica em um paiz fertil como este, não precisa senão de vias de communicação, e de ensino.

Quanto ás vias de communicação, — estas occupam ao presente a attenção publica: porém em quanto estas se não fazem, não seria de grandissima utilidade formarem-se sociedades agricolas, como existem em todos os paizes estrangeiros? É á perseverança, e aos esforços d'estas sociedades que são devidas a creação das quintas-modelos, das escholas agricolas, dos grandes arroteamentos, e emfim a sollicitude e a protecção dos governos para a mais nobre e util de todas as industrias.

Alguns proprietarios esclarecidos que fizessem diversas experiencias agricolas, influiriam mais pelo seu exemplo sobre os pequenos agricultores, que em toda a parte são inimigos das innovações, do que todos os discursos ou todos os bancos que se formem com a denominação de agricolas, que por certo lhes ensinariam melhor os calculos de interesse, do que a cultura dos vegetaes que servissem para o sustento dos gados, ou para o apuro das raças.

Com esta tomo a liberdade de remetter-lhe a noticia de uma planta oleaginosa, que se dá bem em Portugal.

Sou etc.

De V.
J. Blanchet.

Methodo de seccar os legumes para o inverno.

2 O methodo de seccar os legumes para as provisões de inverno deve ser conhecido, tanto mais que para o fim da estação elles são muito raros e muito caros.

O methodo antigo de conservar os legumes para o inverno consistia em pol-os de salmoira.

Eis aqui um methodo pelo qual se conservam perfeitamente.

Os legumes descaseados são lançados em agua a ferver. Passados cinco ou seis minutos lançam-se em um passador; para os esfriar rapidamente deita-se-lhes por cima uma pouca de agua fria. Depois da agua ter escorrido bem, espalham-se sobre folhas de papel onde se conservam até seccarem bem, ou se levam ao forno. Isto feito, devem-se guardar em pequenos sacos de papel.

As sinoiras, os rabanos, e as couves flores conservam-se do mesmo modo.

Se a temperatura do forno for de 35° a 40°, os legumes devem lá estar por espaço de 24 horas.

Os legumes assim seccos perdem tres quartos do seu pezo: porém no acto de os cosinharem, tornam a tomar a sua primeira grandeza, e o sabor é absolutamente o mesmo dos legumes frescos.

PARTE LITTERARIA.

BRAÇO FORTE.

3 Não se deve perder, por que seja antiga, a usança de contar historias.

Em um serão d'este outono, achei mais uma prova de que se passa mui bem uma noite parodiando os serões das nossas aldêas; apezar de que a imitação não fica muito similhante, porque o elegante fogão inglez substitue a lareira; o bastidor, a roca e o fuso; e o *Conde de Monte Christo* e os *Sete Peccados Mortaes* estão no logar privativo do *Carlos Magno* e do *Lunario Perpetuo*.

Quando me chegou a vez de contar a minha historia, lembrei-me de um caso, em que havia pensado na vespera pelas horas mortas da noite. Ha occasiões em que a alma foge do tumultuar da vida para o ermo da meditação. Quando isto me acontece, ao tornar a mim d'esse devaneio do entendimento, acho-me sempre entre o mar e o céu, porque o mar é o verdadeiro templo da solidão, em que se vão sepultar as illusões da vida.

A minha historia não era alegre, e eu estava indeciso ácerca do que faria, quando começaram a discutir a *Flôr do Mar*, historia de um barqueiro, escripta pelo meu amigo Mendes Leal, publicada na Revista pela primeira vez, e ha pouco tornada a publicar, pelo seu auctor, no *Estandarte*.

A discussão era em todo o sentido honrosa para o meu amigo: — constava só de louvores, e fez-me decidir a contar o meu conto, pois que as almas, que se estavam compadecendo tanto da triste sina da *Flôr do Mar*, não gostariam de passar, por meio de uma transição rapida, da compaixão para o riso.

Se bem me lembra contei a historia como aqui a vou escrever.

«Ha pouco tempo que fóra da barra do Tejo costumava andar, em um dos melhores barcos que alli se encontram, um pescador, a quem chamavam João do *Braço Forte*, ou as mais das vezes *Braço Forte*, como eu lhe chamarei.

O nome dava idéa de uma parte do homem, pois que só elle a puchar por uma rede cheia de peixe, valia mais do que tres ou quatro dos da companha: e quando lançava as mãos aos remos, logo, no andar do barco, se conhecia; e o navegar livre do batel com a vela inchada que parecia rebentar, era bastante para se conhecer que ao leme ía o braço em que todos confiavam. Apezar de apropriada, a denominação de braço forte não resumia a vida do pescador.

Correm por esse mundo historias de homens que nasceram e morreram em palacios, nas quaes se descreve com tão primorosas côres o captiveiro do seu coração, que me fazem bem appetecer uma palheta mais rica e variada do que a pobre de que disponho, para esboçar o character apaixonado de um homem, embalado pelas vagas, habituado aos temporaes, e que no mar, em que passava a vida, tantas vezes enxergára a morte, com a resignação de quem sabe que a sua sepultura não é na terra.

Fadára-lhe Deus sempre bem a pesca, e dentro em pouco foi senhor de barcos e redes. Pobre ou remediado, foi sempre o mesmo no trato; e só lhe sabiam dos teres, os que, em dia de forçado ocio, recebiam da sua mão os soccorros de que careciam: para todos era irmão, e trabalhava tanto como no tempo em que não tinha nada de seu.

Corria entre os da companha, que o pescador tinha o coração tão brando como forte o braço, e que se deixára enfeitiçar por certa fada, a ponto de não ser senhor de si. Os que o conheciam e eram amigos de João, diziam lá comsigo:

«Se uma mulher nos perdeu a todos desde o nosso pae Adão, por que não ha-de outra perder um de nós?»

A feiticeira não curava de colher o fructo dos seus feitiços, e quanto menos correspondia ao amor de *Braço Forte*, mais o misero lhe queria. Para ella, a paixão d'esse homem era um brinco, um passatempo, porque á beira do mar, a mirarem-se no espelho infinito do mar, ou nas salas a reflectirem em espelhos feitos pela arte, o coração da mulher é muitas vezes caprichoso. Era por isso que a estrella do seu rumo, como *Braço Forte* lhe chamava, não se sumia de todo no horisonte da vida; mas luzia de espaço a espaço, e, ao desapparecer, o triste não sabia se para sempre lhe fugia. O pescador duvidava, e a duvida é um dos espinhos de tantos que se escondem nas brilhantes flôres da existencia.

Eu, que estou contando esta historia, affirmo de mim para mim, que sou d'esta mesma opinião.

Braço Forte, desde que tal amor lhe tomou a alma, nunca mais foi o homem que d'antes era. Sei que houve quem o viu, um dia ao cahir da tarde, com o rosto melancholico, escutando a sina que na mão lhe estava lendo certa bruxa, conhecida em toda a costa pela certeza dos seus vaticinios. Estava como que sem accordo de si, com uma das mãos desfallecida, e com a outra sobre a cadaverica mão da velha; e quando viu que esta lhe apontava para a linha do amor, descerrou os labios, e ficou esperando com anciedade a resposta ao seu gesto impaciente.

— «Vai ter á morte!» — disse a bruxa, dando ás suas palavras, filhas do acaso, o tom da inspiração.

— «Basta, hoje mesmo hei-de acabar com isto» — redarguiu o pescador, correndo para a praia, e n'um salto que deu, ficou firme sobre uma das pranchas do barco.

Quando esta scena se passava, davam trindades, e dentro em pouco foi noite fechada. O barco largou, e breves instantes depois a vela, inchando, o arrastava por sobre as ondas como se voasse. O mar estava turvo, parecia negro, e começavam a engrossar as ondas com o vento que ía soprando cada vez mais rijo: as nuvens, que encobriam as estrellas, eram grossas e mui escuras. No entanto o barco de pesca se dirigia rapido para

o mar largo. *Braço Forte* ía ao leme, em pé e tão firme, que, ao ve-lo, o tomarieis por uma estatua que á ré, com a mão no leme, houvessem posto entre aquelles homens, labotando ao som de trovas alegres.

No primeiro banco dos remeiros, logo ao pé do leme, estava sentado um velho com a cara voltada para ré. Antes de se começar a pesca, o velho chegou para si a unica lanterna que havia no barco, e a sua luz baça não se reflectiu só no peito nu e crestado do ancião; pois que depois de lhe alumiar a fronte calva, foi tocar com os ultimos e debeis raios nos bastos cabellos que se levantavam em grossos e negros anneis da bem talhada fronte de *Braço Forte.*

O velho, ao acabar de compor a rede que tinha sobre os joelhos, e vendo a immovel e pensativa phisionomia de João, encetou a pratica que se segue:

—«Que tens que assim vais pasmado? Está a noite de breu, é verdade; mas os cachopos ficam longe, e não podemos recear que o barco lá vá ter.»

—«Não tenho nada!» respondeu *Braço Forte* sem quebrar o mago condão da sua tristeza.

O velho, como que arrependido da primeira pergunta, redarguiu:

—«Ah! já sei... ora que tolo eu sou: como havias de tu recear as ondas, se és o mais valente de quantos ensinei a governar o leme... já sei... aposto que estás scismando n'esses amoricos malditos que hão-de dar cabo de ti?»

—«Mestre Manuel, cada homem tem os seus segredos, e os meus ardem-me no coração como se fossem alcatrão incendiado.»

—«Ora são bons segredos esses de que fallas, sabem-n'os todos da costa.»

—«Ainda mal que o sabem; mas ainda bem que não sabem tudo. Mestre Manuel, se ella me podesse amar, era o que me bastava, ainda que fosse d'aqui a muito: o que eu quero é uma certeza que me não minta.»

—«Não te ha-de faltar: olha, a verdade é como o azeite, que anda sempre ao cimo da agua; amor, não ha mulher que o esconda por mais arteira que seja.»

—«Dos meios que tinha para o saber, não me resta um só. Ella, que era o mais seguro de todos, não me tira das penas em que vivo.»

—«De peste má eu morra se te entendo. E em Lisboa que passaste com aquella mulher de virtude que te inculquei?... sempre sabe muito... é da gente ficar alli um dia inteiro: nunca vi botar assim as cartas.»

—«Botou-as como lhe pedi, e logo á primeira sahiu do baralho depois de mim o dez de oiros; e nem ás tres vezes se me mudou a sorte.»

—«Malditas cartas! Constantemente me deram a pobreza, e não mentiram as damnadas.»

—«Nem só ellas, tudo mais foi contra mim. Domingo passado, quando Maria sahia da missa do dia, apanhei uma porção da terra que pisára o seu pé esquerdo, levei-a para Lisboa, e depois de benzida com aquellas santas orações da benzedeira, atirei com ella a Maria, e um sorriso, d'aquelles que não entendo e que me desesperam, foi sua unica resposta.»

—«Safa com os máus agoiros. O barco vae por esses ares que nem uma gaivota. E as Horas?»

—«Tambem não foram a meu favor; a chave que entreteci na fita com que as liguei, voltou-se para o lado onde eu tinha posto o pensamento da minha desgraça.»

—«Não ha-de ser esta noite que as redes se lancem: vem da prôa cada onda que faz medo.»

—«Só aqui anda um malfadado, e sou eu. A pescaria será boa.»

—«Porque te não apegas com algum santo, para ver se vives mais socegado.— Deixa-te dar um conselho.—Tenho fé n'esta oração de Nossa Senhora, que trago ao pescoço ha muito tempo; é a que reza do milagre que fez Nosso Senhor á santa mulher que vivia nas montanhas, e que foi achada áquelle homem que lançaram ao mar com uma pedra ao pescoço, e que por tres dias andou sobre as ondas sem se afogar até que o salvaram. Quando fores a Lisboa, procura no caes um cego que por alli anda guiado por um cão fusco; dá-lhe esmola, que elle te dará uma d'essas orações ensinando-te a virtude.»

—«Por tão milagrosa como essa, tenho eu a oração do Justo Juiz, que trago sempre comigo junto ás reliquias que herdei de minha mãe, e com o annel de pinha que em hora

má dei a Maria... mas este padecer é vontade de Deus, que se ha de cumprir. Mestre Manuel, já o vento mudou, não tarda que o mar acalme: e, levantando a voz, bradou:— Eia rapazes, redes ao mar.»

O velho, olhando para o poente, disse como quem falla comsigo:—«As nuvens vão-se desfazendo em chuveiros—se não fallemos nas orações tinhamos temporal desfeito.»

—«Ainda bem que as estrellas apparecem, dizia, no mesmo tom de voz, *Braço Forte.* Manuel, a minha ultima esperança morre aqui hoje, ou reverdece para não mais morrer.»

—«Tem animo, homem, que é de que precisas.»

—«Verá se o tenho, Mestre. A estrella do norte é que vae decidir estas duvidas; se em quanto rezo um credo a encobrirem as nuvens... tudo se acabou.»

E começou a rezar em voz baixa; governando o leme com a mão erquerda, benzia com a direita o coração. Ao sahirem-lhe dos labios as palavras—Deus todo poderoso— sahia-lhe tambem do fundo do peito um d'estes suspiros, que são como o sello da morte posto sobre as paginas mais brilhantes do livro da vida.

Uma nuvem grossa e negra tinha escondido a estrella.

O velho, que estava de braços cruzados e dando mostras de impaciente, quando voltou o rosto e viu a cerração que principiava a correr para o lado do norte, fallou com a auctoridade que os annos lhe concediam:

—«Então que te estou eu a dizer ha mais de dez credos? Tem animo, que bem o careces. Se assim te deixas pescar pela dôr, que será de ti quando Domingo os ouvires apregoar?»

—«A quem?» perguntou João largando o leme, e levando ambas ás mãos á fronte.

—«A Maria e ao *Neto do Piloto.*»

—«Mestre Manuel, ahi tem o leme, e deixe-me, que não quero esta noite ouvir mais nada. Leva de rumor, ó da companha!»

Manuel foi para o leme, e João sentou-se na prancha em que estava o velho pescador, e ahi ficou com a cabeça encostada ás mãos, até que o barco abicou á praia.

Não esperou pela divisão da pescaria, da qual, como dono do batel, lhe pertencia um terço.

Ao saltar em terra deu logo com os olhos na bruxa, e fez o signal da cruz, pois que em tal encontro lhe parecia ver obra do demo.

A velha trazia-lhe o annel de pinha que elle tinha dado a Maria.

João, ao recebe-lo, só disse:—«Já sei tudo, bem entendo o que isto quer dizer»—e, continuando no caminho, levou o annel aos labios e duas lagrimas lhe saltaram dos olhos. Mas vendo o *Neto do Piloto*, cobrou animo, e cruzou o gabão sobre o peito como se não quizesse que vissem a força com que ía arfando.

O *Neto do Piloto* estava ajustando um grande barco para pagar com o dote de Maria, e queria dar em troco o barco pequeno em que andava, e que ao pé d'elle se via encalhado na praia.

Este barco tinha, como todos, o nome escripto na pôpa. João, ao dar com os olhos no nome, sorriu, mas ha lagrimas que não são tão tristes como foi este sorriso. Chegou-se ao pé do *Neto do Piloto*, deu-lhe o que elle pedia pelo barco, e gritou com voz cava aos da sua companha:

—«Desencalhem esse barco e amarrem-n'o, que vou esta noite descobrir pesca nova.»

E desappareceu, sem que ninguem mais o visse em todo o dia.

Á noite saltou para o batel que tinha comprado, agarrou em dous remos, puxou-os com alma, e a prôa, rasgando as ondas, dava provas de que era impellida por *Braço Forte.*

Mestre Manuel, que estava na praia fazendo a cêa, correu para a beira do mar, e ainda chamou por elle, mas nem lhe respondeu o bater dos remos; tanto ao largo se havia feito o barco.

Os companheiros, que por alli estavam, perguntaram ao velho a rasão porque se inquietava tanto.

Manuel não lhe respondeu, e ficou a olhar para a superficie revolta do oceano, como se o mar lhe podesse dizer o que elle queria saber.

Braço Forte, nem o barco, nunca mais appareceram. Todos os julgaram afundados.

Se assim foi, como creio, a ingratidão de uma mulher não perdeu só uma alma, mas

tres, porque o Padre que apregoou o seu casamento com o *Neto do Piloto*, assegurou-me que nunca foram felizes.

Perguntei a um pescador, que me contou esta historia, como se chamava o barco em que fôra *Braço Forte*, quando pela ultima vez se apartou dos seus companheiros, e disse-me que se chamava — Destino.

Versos sem titulo.

4 AINDA não ha muitos dias, que uma das mais escolhidas reuniões das *Praias* applaudiu com verdadeiro enthusiasmo o improviso brilhante e viçoso que hoje honra as columnas da REVISTA.

No breve encanto da sua leitura se conhece o estro elevado d'onde partiu. O genio de um dos nossos primeiros poetas, auctor de obras de grande vulto, allumia todas as bellezas d'estas poucas linhas. O leitor sentirá, como nós, que sejam poucas; mas, como nós, estimará que sirvam de prova de que um nome, ao qual a REVISTA tanto deve, de novo volte a honrar-lhe as paginas.

. . . .

Pois essa luz scintillante
Que brilha no teu semblante
D'onde lhe vem o esplendor?
Não sentes no peito a chamma?
Que aos meus suspiros s'inflamma
E toda reluz d'amor?
Pois a angelica fragrancia
Que te sentes inhalar?
Pois dize, a ingenua elegancia
Com que te vês ondular,
Como se baloiça a flôr
Na primavera em verdôr;
Dize, tanta gentileza
Póde dal-a a natureza?
Quem t'a deu senão amor?
Vê-te a esse espelho, querida,
Ai! vê-te por tua vida,
E diz se ha no céu estrella,
Dize se ha no prado flôr,
Que Deus fizesse tão bella,
Como te fez meu amor?

G.

Frontão do Theatro de D. Maria II.

5 PARA intelligencia dos novos assignantes da REVISTA, convém saber, antes de lêr a carta seguinte, que o Sr. Abbade Castro, em um artigo ácerca de Rafael Mengs, publicado em o numero 47 do 7.º volume da primeira serie, escreveu — que o pensamento do Frontão do Theatro de D. Maria II, tinha sido copiado sem duvida alguma de um quadro que representa *Apollo e as Musas*, pintura de Mengs, de cujo quadro ha uma gravura feita por Morghen. — Dois Professores da Academia das Bellas Artes de Lisboa, os Srs. Assis e Fonseca, nos escreveram uma carta a este respeito, a qual publicámos em o numero 48, ultimo do antecedente volume, rogando ao Sr. Abbade Castro, que se dignasse indicar-lhes neste Jornal, quem fosse o possuidor de alguma das ditas estampas, para que em vista della, e do desenho do relevo do Frontão, se podesse liquidar a verdade do que S. S.ª asseverou; duvidando os mesmos Professores que fosse possivel confirmar-se, por isso que protestavam não ter conhecimento de tal estampa, na certeza de que não respondendo convenientemente a tão justa exigencia declaravam aquella asserção destituida de fundamento.

Eis aqui a maneira como o Sr. Abbade Castro responde a este convite:

Sr. Redactor.

Os Srs. Assis e Fonseca pediram na REVISTA, de dois do corrente, que eu lhes indicasse, quem é possuidor da estampa, gravada por Morghen, do quadro de Antonio Rafael Mengs.

Mais além do que se requer irei eu, fazendo publico que a dita estampa estará patente aos dois illustres Reclamantes, e a quem a quizer vêr, no Escriptorio da REVISTA, nos dias 10, 11 e 13 do corrente, desde as dez horas da manhã até ás duas da tarde. Procedendo assim appresento-me com a devida lealdade, e tanto mais affoito, quanto a idéa geral do baixo relevo do Frontão do Theatro de D. Maria II, salvas certas alterações accidentaes, se encontra na bellissima e muito conhecida composição de Mengs. Se positivamente exclui e excluo a *invenção*, nem por isso pertendi contestar o esmero de uma imitação feliz; e é neste sentido que tenho todo o direito a ser interpretado no meu artigo, *Antonio Rafael Mengs.*

O Abbade Castro.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

4 A 8 DE NOVEMBRO.

Diario n.º 262.

Estado do Banco de Portugal.

6 NOTAS em circulação	228:320$000
Depositos — moeda metalica.....	287:974$572
Numerario metalico em caixa....	619:690$031
Prata além do dito numerario....	9:475$200

Autos de amortisação e queima de papel moeda no valor 1:916$400 réis.

Idem de notas do Banco de Lisbôa no valor de 7:200$000 réis.

Idem das mesmas notas no valor de 75:253$200 réis.

Notas amortisadas até ao dia 3 de	
Outubro	935:912$400
Idem até 3 de Novembro	68:053$200
Em circulação	3.996:034$400

—

Dito n.º 264.

Decreto commutando as penas impostas a quatorze réos de varios crimes.

Mappa demonstrativo da importancia do imposto addiccional de 10 a 6 por cento para amortisação das Notas do Banco de Lisboa, recebidas desde 3 de Outubro até 3 de Novembro corrente. Montou esta amortisação a 23:897$556 réis.

O Camões, do Sr. Palmeirim.

7 A POPULARIDADE d'esta poesia cresce diariamente. Já não ha theatro particular em que se não tenha recitado. A este respeito consta-se que o Sr. Braz Martins por tal modo se houve na recitação que fez d'esses versos no theatro do Aljube, que comprovou a boa opinião em que muitos teem o seu talento. Quando a quiz repetir, por lhe ser muito pedida, não o pôde fazer porque as lagrimas o suffocaram; tanto se tinha possuido da melancholica inspiração que dictou todos os versos d'essa composição verdadeiramente portugueza. O Sr. Frondoni já compoz uma musica apropriada, na qual se notam melodias mui apreciaveis.

Desgraças faceis de evitar.

8 ALGUNS infelizes doudos, que vagueam pela cidade, servem de provar que poucos progressos temos feito na civilisação, que tanto condemna o triste espectaculo que taes desgraçados representam por essas ruas.

Ácerca das doidas algumas verdades horriveis nos poderiam sahir da penna,

Por nosso mal, em uma grande cidade, ha almas capazes de todos os crimes. As desordens que os doidos promovem, mórmente perseguidos, como muitas vezes são por ditos que os contrariam, podem ter resultados funestos,

Ainda esta semana houve quem por milagre não ficou morto aos pés de um doido já velho, que habitualmente anda pelas visinhanças do Rocio.

A paulada que o maniaco descarregava sobre uns rapazes que o seguiam, se não é aparada em parte, ía ter direita á cabeça de pessoa que mui descançadamente vinha passando; e ainda assim não deixou de a ferir.

Não queremos que ácerca destes abusos se tome só a providencia de recolher taes desgraçados a um Asylo, como exige a boa policia, queremos tambem que ahi sejam humanamente tractados, e que com proveito proprio se empreguem em trabalhos apropriados aos seus differentes estados, e mais circumstancias particulares.

Theatro de D. Maria II.

9 O *Limpa Candieiros* é uma tentativa de um mancebo ainda verde nos annos e no estudo. O pensamento social que o seu genio novel desejou abraçar, torna louvavel o ter querido entrar na carreira das lettras por este caminho tão cortado de precipicios.

Se o Sr. Biester sente em si a vocação da arte, sirva-lhe a prova de reconhecer a arena em que ha de provar as suas forças, e quando ahi voltar para ganhar o premio, por tantos desejado, venha bem aparelhado com um estudo seguido.

O *Limpa Candieiros* não deixa de ter merito. Folgamos em que fosse applaudido.

A Direcção do Theatro approvou, para se representar, uma traducção feita pela Sr.ª Talassi, *Martin, ou os Amigos da Infancia.* Consta-nos que o *parecer* do relator é um documento muito honroso para os conscienciosos trabalhos litterarios desta artista. Registamos gostosos este louvor.

O Sr. Lopes de Mendonça acabou ha pouco um drama que denominou — *Pedro, o Artista.*

Desastre.

10 NA manhã do dia 7 do corrente, defronte da porta do Passeio Publico, que fica do lado da Praça de Alegria, perdeu o governo um poldro que ía montado por um veterano, e como este o levasse governado só com bridão, não o pôde suster, e sendo lançado fóra da sella, caíu desemparado e ficou logo morto.

Gremio Litterario.

11 HOJE 9 do corrente ha Assembléa Economica por convite do Conselho Director.

Edição exhausta.

12 EM quanto obras de transcendente merito apodrecem nas estantes dos livreiros, e as de brilhantes talentos modernos não tentam o risco de se imprimirem, um pobre homem, amigo de ganhar a sua vida e nada mais, escreve sobre as caixas dos typos velhos com que elle proprio compõe as suas producções e extrahe quanto fabrica.

Ao que escreve chama verso. E serve-lhe de assumpto tudo quanto, ao ser apregoado pelos cegos, póde despertar a curiosidade do povo.

Em menos de uma semana consumiu 1:500 exemplares do que escreveu nas proximidades do julgamento da matricida que ha pouco aterrou Lisboa.

Com factos d'estes que havia de fazer n'esta

terra um Carlos Louandre a escrever artigos sobre a estatistica litteraria, como as que no anno findo se publicaram na Revista dos Dois Mundos.

Julgamento da Matricida.

13 O crime horrivel que no dia 12 de Setembro horrorisou toda a cidade, ostentou ainda toda a sua incrivel ferocidade no seu julgamento.

O Sr. Almeida Juiz do Tribunal Criminal da 1.ª vara houve-se dignamente.

O Sr. Delegado José Gabriel Holbeche ganhou bastante gloria no vigor e sentimento com que sustentou a accusação.

O Sr. Dr. Gallo patrono da ré merece grande louvor.

Da ré quizeramos fallar, mas não podemos. Basta dizer que é uma filha que na audiencia se atreveu a dizer. «Fui eu que matei minha mãe com estas facas» e apontou para os instrumentos homicidas, que estavam sobre a meza do Tribunal.

O Jury deu como provados os quesitos feitos pelo Juiz, e que continham materia de accusação. A Audiencia começou pelas 10 horas da manhã, e acabou perto da meia noite, proferindo o Juiz a sentença pela qual, em conformidade das leis, é a ré Maria José, solteira, condemnada a soffrer morte natural para sempre em forca, que se ha de levantar no Campo de Santa Clara, devendo a ré caminhar para aquelle patibulo pela travessa das Monicas, travessa das Freiras, e por junto das Obras de Santa Engracia; e mais a condemnou nas custas.

Beneficio Philantropico.

14 Sabbado 11 do corrente, haverá no Theatro do Salitre um beneficio, que nos dizem ser destinado a um fim philantropico. O espectaculo será aformoseado com a presença da Sr.ª Emilia, que se prestou generosamente a recitar a — *Lareira* — linda poesia do Sr. Palmeirim, publicada em o n.º 3 do volume findo da Revista; e a outra poesia, que apesar do auctor ser anonimo para muitos, como o não é para nós, podemos assegurar que ha de ser de grande merito.

COMMERCIO.

15

ALFANDEGA DO TERREIRO PUBLICO EM 31 D'OUTUBRO.

	Moios	Preço por alqueire
Trigo	7:400	400 a 540
Cevada	2:493	220 a 230
Milho	649	340 a 360

— Cereaes em 8 de Novembro.

O mercado tem continuado frouxo, e mesmo pouco genero concorreu em vista do máu tempo que correu a semana finda.

Trigo do reino rijo	de	320	a	480	réis a bordo.
» » molle	de	440	a	480	» »
» da ilha	de	330	a	380	» »
Milho do reino	de	290	a	295	» »
» da ilha	de	200	a	240	» »
Cevada do reino	de	180	a	190	» »
» da ilha	de	170	a	175	» »
Centeio do reino	de	200	a	220	» »

— Coimbra 30 de outubro.

Trigo 360 — milho 270 — cevada 260 — centeio 260 — azeite 1:160.

— Praça de Lisboa, 8 de Novembro.

Fundos publicos de 5 por 100 47 ½ com o juro por pagar, e com o juro pago 45 a 45 ½. Ha poucos compradores e vendedores. Acções do Banco, as casas de cambio compram hoje por 460$000; mas no mercado não se encontravam por este preço, e pediam 465$000. Acções sobre o Fundo de Amortização 47 firme. Acções do Banco do Porto 226$000 a 230$000, das Lezirias 365$000. Pescarias 25$000 a 27$000. União Commercial 60$000, Obras Publicas 2 a 2 ½ por 100. Acções da Companhia da Valla da Azambuja a 45. Seguros Firmeza 365$000. Fidelidade 280$000 a 300$000. Segurança do Porto 80$000 moeda metalica. Omnibus 70$000. Fiação e Tecidos Lisbonense 100$000. Todas estas cotações são em Notas do Banco de Lisboa. Consta-nos que se vendêra uma somma avultada de Titulos azues por 6 por 100 n'esta especie, mas na praça continuavam a ser vendidos por este preço em moeda metalica, sendo de pequenas quantias. Tres operações 25 a 26 em moeda metalica. O preço tambem varia conforme a importancia dos titulos; os de menos valor são mais procurados. Papel moeda 11 a 12 em moeda metalica.

Agio das Notas do Banco de Lisboa 2 a 8 de Novembro.

Por moeda.

	Compra.	Venda.
Novembro 2	2$000	1$960
» 3	1$980	1$950
» 4	»	»
» 6	»	»
» 7	1$760	1$920
» 8	1$950	1$920

— Escrevem-nos do Porto em 30 de outubro.

Continua estacionario o mercado dos generos do Brasil. Constava que os vinhos velhos começavam a ser procurados no mercado de Londres. A exportação de carnes salgadas continua a ser uma especulação proveitosa.

Estão fundeados no Douro 44 navios mercantes,

dos quaes vão partir para o Rio de Janeiro 6, para a Bahia 2, para Pernambuco 3, para o Pará 1, para o Maranhão 1, para Londres 5: do resto não sei o destino. Sei de vendas de inscripções de 5 por cento por 47.

Ha dias que o embarque dos vinhos para varios pontos continua com animação. Algumas partidas de café se teem vendido, regulando o preço de 1300 a 1350 por sacca; mas são vendas que não alteram a paralisação do mercado.

Desconto de notas 40 por cento.

Os cereaes regulam pelo preço seguinte: — trigo 700 a 750 réis por alqueire — milho 380 a 390 — centeio 360 a 370.

— Na praça de Londres, em 26 de outubro, foram cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco	3 p. %	183	186	Por 100.
Consolidados	3 »	85⅜	½	»
Redusidos	3 »	84½	¾	»
Fundos	3½ »	84⅞	85⅛	»
Exchequer bills		39	42 março	Premio.
		37	49 junho.	

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½ »	70	73	»
Brasileiros	5 »	71	74	»
Dinamarquezes	3 »	65	70	»
Hispanhoes	5 »	10½	11	»
Ditos	3 »	21¾	22¼	»
Hollandezes	5 »	68¼	¾	»
Ditos	2 »	44¼	¾	»
Mexicanos	5 »	20	½	»
Portuguezes	4 »	22½	23	»
Ditos consolid. 1841	—	22	23	»
Ditos divida interna	—	Sem preço.		—
Russos	5 »	99	100	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		51¾			Por 1$000 rs.
Porto		51⅞			»
Rio de Janeiro		22½	23		»
Bahia		—	—		—
Amsterdam	12		¾		£
Hamburgo	13	11¼	12		»
Paris	25	42½	47½		»
Genova	26	10½	26	15	»
Trieste	Sem cotações.				»
Vienna	Sem cotações.				»
Madrid	Sem cotações.				Pezo.
Cadiz		46¾	47		»
Calcutta	21	48	48½		Rs.
Bombaim		21½			»
Madras		21			»

— Generos em Londres em 26 de Outubro.

Algodão de Pernambuco	4⅜	4¾	£	Froixo.
» do Maranhão	4	5	»	Froixo.
» da Machina	3⅝	4⅜	»	Froixo.
» da Bahia	4½	5¼	»	Froixo.
Assucar branco	37	42	»	Sem animação.
» mascavado	32	37	»	Sem animação.
Arroz do Brasil	8	13	»	Froixo.
» da India	8	13	»	Froixo.
» de Java	8	13	»	Froixo.
Café do Brasil	24	29	»	Froixo.
» » lavado	29	48	»	Froixo.
Cacáo »	29	30	»	Froixo.
Couros seccos do Rio Grande	3	6	»	
» salgados »	2	3¼	»	

METAES PRECIOSOS.

Oiro, em barra, do estandarte	77/9	Por onça.
Portuguez em moeda	77/5	»
D.° em d.ª nova e do Brazil	77/0	»
Onças hispanholas	74/6	»
» Patrias	73/6	»
Prata em barra, do estandarte	4 » 3/4	»
Patacas das Republicas	4/9 7/8	»
Columnares	4/9 7/8	»

— Em 21 de setembro do corrente anno publicou-se em Napoles um decreto contendo a seguinte disposição: —

«O direito de um ducado por cantaro (640 réis por 6 arrobas e 26 arrateis) que ao presente pagam, em virtude da pauta em vigor, os cereaes estrangeiros, fica revogado provisoriamente até que as camaras tomem ácerca d'este ponto a resolução que mais conveniente lhes parecer na sua primeira reunião.»

— Por um decreto do govêrnador geral das Indias Orientaes neerlandezas se põe em vigor novamente a prohibição de entrarem n'essas colonias moedas de cobre. A falta de observancia d'este decreto será punida com a perda da somma aprehendida, e com uma multa na importancia de quatro vezes o valor das moedas tomadas.

BIBLIOGRAPHIA.

16 Começou, em 6 do corrente, no *Popular* a publicação das Memorias Posthumas, de Mr. de Chateaubriand, traduzidas pelo Sr. J. B. Ferreira.

Das columnas do Jornal, depois de purificadas das faltas e descuidos que houverem, formarão um livro em oitavo francez nitidamente impresso.

Não é possivel por ora saber-se de quantos volumes constará a obra; porque, para em tudo seguir o original, esta divisão depende da que fizer o jornal francez, em cujo folhetim se publica.

As assignaturas das provincias serão feitas por 12 folhas; e o seu importe, pago adiantado, será entregue aos correspondentes, cujos nomes brevemente serão annunciados no *Popular*.

Para Lisboa fica ao arbitrio dos srs. assignantes pagarem a folha á entrega, ou assignarem por 6, 12 ou mais folhas, pagando logo o importe d'ellas.

As assignaturas para Lisboa fazem-se no escriptorio do *Popular*, e na loja de João Paulo Martins Lavado, na rua Augusta.

O preço de cada folha em 8.º grande, constando de 16 paginas, é de vinte réis, quer a assignatura seja feita a pagar por folha, quer por 6, 12 ou mais.

A correspondencia será dirigida, franca de porte, ao Sr. J. B. Ferreira, no escriptorio do *Popular*, rua de S. Bento n.º 370.

—

Tambien las flores hablan. — É um volume impresso com luxo, e adornado com lindas gravuras. — Contém o *Calendario das Flores*, no qual se dá noticia de todas as flores que nascem em cada mez do anno; linguagens das flores, em que se explica a significação de cada flor; *Relogio de Flora*, composto de flores abrindo cada uma a hora differente — historia em miniatura. Custa em Madrid 4 reales, e para fóra da cidade 5 reales. Vende-se em Madrid, na Sociedade Litteraria, rua de Legonitas n.º 47.

—

Dramas judiciarios, e causas celebres, criminaes e correccionaes de todos os povos. — Vae-se publicar em París, nitidamente impressa e com gravuras, a obra cujo titulo deixamos estampado. O specimen que temos á vista merece que d'ella façamos menção. Esta obra será distribuida parcialmente em livretes de 16 paginas cada um em quarto francez, e duas columnas. Cada livrete conterá 7 a 8 bellas gravuras. Cada mez sahirão tres a quatro livretes; e cada um d'estes conterá um processo criminal completo, e cinco a seis causas correccionaes. O preço da subscripção em París é de 5 francos por 25 livretes.

Para esta obra tambem se assigna, ao Rocio em caza do Sr. *Silva*.

—

Personal Recollections of the late Daniel O'Connell, By W. J. O'Neil Daundt. 2 vol. lib. 2.

Costume in England: an History of Dress. By F. W. Fainholt. Wich upwards of 600. Engravings lib. 3 6 d.

On Asiatic Cholera, Researches into its pathology and treatment. E. A. Parkes.

—

Revue Péninsulaire n.º 6.

Lyra, jornal de poesia, publicada no Porto, n.ºs 6 e 7.

Revista Popular n.º 36.

Gazeta Medica do Porto n.º 164.

O Espectaeor, jornal dos theatros, n.º 6.

Expediente.

ESCRIPTORIO — Rua dos Fanqueiros n.º 82. — *Correspondencia franca de porte* — ao Redactor e Proprietario da Revista Universal Lisbonense.

Assignatura.

Doze numeros..............	$600 réis.
Vinte e quatro ditos.........	1$200 »
Quarenta e oito ditos........	2$400 »

Por assignatura sahe cada n.º a 50 réis: *avulso* vende-se por 80 réis.

De qualquer ponto do reino, assigna-se por meio de carta, e em Lisboa no Escriptorio e na Rua Augusta n.º 8, e nas mais lojas em que se annunciar. A Empreza tem correspondentes em todos os Districtos do Reino, Ilhas, e nos Portos do Brazil.

A pessoa encarregada pelo Proprietario da Revista da administração d'este Jornal é o Sr. José Maria Corrêa Seabra.

Agradecemos a carta, que da Madeira nos escreveu um dos nossos assignantes. Os seus desejos são os nossos.

Á carta, com que um dos nossos illustres collaboradores acompanhou a remessa de um artigo sobre a illuminação por meio de gaz, respondemos — que a honra que o nosso Jornal recebe publicando o seu nome, nos obriga a pedir-lhe que não insista no anonymo que pretende guardar, porque não podemos concordar nas razões em que para isso se funda.

Agradecemos e serão publicados os seguintes artigos.

Artigo sobre a Historia do Direito Romano na Edade Media por F. C. de Savigny, e pelo Conselheiro José Silvestre Ribeiro.

Recordações da Peninsula — *O veterano*, pelo Sr. Palmeirim.

Archeologia politica, contendo uma carta inedita de D. João de Castro, com reflexões, pelo Sr. Silva Tullio.

O pedido da Sociedade das Sciencias Medicas será satisfeito no numero seguinte — bem como será annunciado o Jornal — A Liga.

Espirito Religioso do Porto pelo Sr. D. Antonio do S. S. de Almeida e Silva.

Poesias do Sr. Silva Leal.

—

A Redacção deste Jornal acceita e agradece qualquer noticia fidedigna e interessante que seja enviada.

Roga aos leitores das provincias e do Brazil, que communiquem os conhecimentos dignos de se publicarem em um Jornal como a Revista.

Todos os collaboradores estrangeiros ou nacionaes são bem vindos.

A Redacção annunciará, e, convindo, analysará qualquer publicação estrangeira ou nacional, que lhe seja remettida. O annuncio se fará na parte bibliographica. Quando assentar que o não deve fazer restituirá a publicação de que não der noticia.

Todos os inventores, auctores, ou outras pessoas que desejarem faser conhecer ao publico, machinas, livros, sementes, plantas, objectos de arte, medicamentos, etc. poderão mandal-os para o Escriptorio da Revista, annunciando-se e descrevendo-se gratuitamente no Jornal.

A Revista acceita e troca com todos os jornaes portuguezes e estrangeiros.